

A REVOLUÇÃO PAULISTA

José Vicente de Freitas Marcondes

Alguns Antecedentes

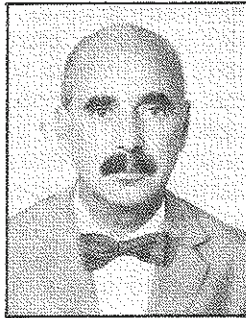
O Conselho Técnico de Economia, Sociologia e Política da Federação do Comércio do Estado de São Paulo — através da Revista Mensal de Cultura *Problemas Brasileiros* — não poderia ficar indiferente à significativa comemoração cinquentenária da nossa Revolução de 1932. Esse feito heróico, tão paulista quanto nacional, vem sendo hoje mal interpretado por algumas pessoas, o que gera confusão para as novas gerações e desvirtua, intencionalmente ou não, um dos episódios mais autênticos, mais puros e soberbos da nossa história política e social. Convém, pois, que seja analisado e debatido neste Conselho.

Como participante dessa Revolução, desejamos trazer o nosso depoimento e ao mesmo tempo analisar as distorções malélicas que vêm sendo espalhadas, procurando depreciar as finalidades — para nós sagradas e consagradas — de heroísmo, desprendimento e altanaria de São Paulo que se levantou bandeirantemente, galvanizando paulistas e paulistanos de todas as classes sociais, os filhos de outros Estados e até imigrantes e seus descendentes, que souberam compreender os claros objetivos dessa Guerra Sagrada, sacramentada pelo saudoso Arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, por esclarecidos prelados paulistas e de outros Estados.

A revolução de 1930, que contou com uma parcela do povo paulista — não com este orador que dela participou, sim, mas como *legalista*, porque fazia o seu serviço militar no 6.º Regimento de Infantaria — esta revolução foi amesquinhada por seu chefe, que procurou vilipendiar São Paulo e o Brasil. Lembramos-nos da magra plataforma de Getúlio Vargas, que prometeu aos brasileiros uma ordem constitucional democrática, tendo como elenco o voto secreto, uma legislação social que o nosso país já havia suscrito no Tratado de Versalhes, após a I Guerra Mundial, e alguns outros aspectos constitucionais que seriam promulgados tão logo estivessem no poder. Essa malfadada revolução de 1930, que o bravo coronel Euclides de Figueiredo disse ter sido um "tormentoso acontecimento da vida nacional", "constituiu simplesmente um verdadeiro desastre; uma catástrofe, incentivando os aventureiros audaciosos e decepcionando todos que para ela cooperaram com sadias intenções patrióticas. O decantado programa da Aliança Liberal ficou como letra morta, após a vitória da sua pregação; homens de talento, propagandistas ardorosos de ideais alevantados, uma vez alçados, de súbito, ao poder, que chegaram a descer de alçar, não souberam, ou não puderam, nele manter-se com o prestígio que lhes deu o êxito. Transigiram, transigiram muito; desfiguraram as intenções que proclamavam. E o que ficou foi o deserto, a quebra do ritmo de um acentuado progresso. Nem as alterações do sistema eleitoral, com o voto secreto, nem as modificações introduzidas na administração pública, nem a incipiente e defeituosa legislação social urbana, cujo grave crime seria o de arrear para as cidades o homem do campo, nem muitas outras e boas inovações justificam o abalo que sofreu a Nação, com o golpe vibrado contra as suas instituições" (1).

As promessas constitucionais, que seriam promulgadas tão logo estivesse no poder, foram esquecidas; o interregno que deveria ser efêmero e curto, evoluiu para a extensão da zona cinzenta e indefinida, segundo Raymundo Faoro (2). Esse interregno que deveria ter sido breve, estava sendo cavilosamente esticado, postergado e maquiavelicamente articulado — principalmente com relação a São Paulo — cozinhando-nos em fogo brando, com as aciniosas nomeações de interventores filhos de outros estados, enquanto que nas demais entidades da Federação, os interventores — quase todos tenentes — eram os seus próprios filhos. Por outro lado, São Paulo passou a ser, após a revolução de 1930, uma "terra conquistada e ocupada", como uma vitória torpe no nosso invejável progresso econômico. Os inábeis tenentes exigiam a ocupação da Capital e do Estado bandeirante, alegando uma série de falsas razões.

O acadêmico Hernâni Donato acaba de publicar, em documentada obra, esclarecimentos importantes dos antecedentes da Guerra Sagrada de 32, onde encontramos:



no trem getulista, que os trouxe do Sul, dois tenentes — João Alberto e Miguel Costa — já brigavam, disputando o Palácio dos Campos Elíseos (3). Logo depois, na "Operação Desmonte", João Alberto era nomeado para o cargo de Interventor Federal e Miguel Costa para a Pasta da Segurança Pública. "O tenetismo está vitorioso... e vigilante sobre todos os setores da sociedade paulista e brasileira".

Batista Pereira, gaúcho paulistanizado, sintetizou, de maneira magistral, a situação, dizendo: "Súbito começa o martírio de São Paulo, martírio real, espezinhamento sistemático, tratamento bárbaro e desumano, incompatível com as noções mais comeninhas da civilização. São Paulo, atônito, estremece. Protesta. Continuam os vexames. Agita-se todo o território paulista. Acresce, avoluma-se o sentimento de revolta, a indignação. A fagulha fez-se chama e a chama incêndio. O indiferentismo paulista some-se como por encanto. Todos os lares esbrazearam-se em âscuas de ira e revolta. Forma-se uma atmosfera eletrizada, cruzada de relâmpagos, pronta a deflagrar em temporal e ciclone, ao primeiro abalo que lhe rompa o equilíbrio. E veio a revolução como um fenômeno sísmico".

Estes são alguns dos antecedentes da Revolução de 9 de Julho de 1932.

O Início da Revolução

A Revolução Paulista estava marcada para o dia 14 de Julho, contando com o apoio de Minas, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Entretanto, a 8 de Julho, Getúlio Vargas, depois de frisar que "não haveria eleições, nem Constituição", designou o General Pereira de Vasconcelos para assumir o comando militar em São Paulo, como homem de sua inteira confiança. Estes fatos e mais a precipitação do General Klingner, obrigaram a antecipação do levante para a noite de 9 de Julho, sábado, após um dia inteiro de reuniões. Nessa noite fria, o General Isidoro Dias Lopes, depois dessa longa reunião com os próceres paulistas, determinou ao Coronel Euclides Figueiredo que assumisse o comando da Região Militar da Revolução. Nessa mesma noite, foram ocupados o Telégrafo Nacional e os Correios. O Coronel Euclides telegrafava aos comandantes das unidades militares, comunicando que "em nome do povo de São Paulo e apoiado pela unanimidade das tropas federal e estadual (...) assumia o comando da II Região Militar, com o fim de exigir do governo provisório e reconstitucionalização do país e restabelecimento da ordem". Logo depois, o Coronel Júlio Marcondes Salgado, como Comandante-Geral da Força Pública, divulgava uma proclamação patriótica, frisando, entre outros dizeres: "Hoje em São Paulo, amparada pelas armas e pela vontade indomável da população paulista, a idéia reivindicadora não poderá mais sofrer os vexames imperativos de uma ditadura de anarquia e descrédito para o Brasil".

Dia 10 de julho, domingo, a *Folha da Noite*, em edição extraordinária, anunciava em manchete, na primeira página, que o sr. Pedro de Toledo leria a sua renúncia do cargo de Interventor Federal e seria aclamado Presidente de São Paulo, às 15 horas, no Palácio da cidade. Nessa mesma página, ainda encontramos mais três importantes notícias: um comunicado assinado pelo General Isidoro Dias Lopes e pelo Coronel Euclides de Figueiredo, "assumindo as supremas responsa-

bilidades do comando das forças revolucionárias empenhadas na luta pela imediata constituição do país"; uma outra, concitando a todos os paulistas válidos a comparecerem no edifício da Faculdade de Direito, onde receberiam armas e seriam devidamente incorporados; a terceira notícia anunciava que "A vanguarda revolucionária atingiu Cruzeiro", no Vale do Paraíba. O texto em negro dizia mais: "As nove e meia a Rádio Educadora irradiou um comunicado do Comando-Geral Revolucionário, informando que a vanguarda revolucionária paulista tinha atingido a cidade de Cruzeiro, situada a 246 quilômetros de São Paulo, aproximadamente e meio caminho do percurso". Hernâni Donato, na obra citada, analisa porque a ofensiva paulista parou em Cruzeiro (pág. 88), mas este não é o momento para retomarmos as conhecidas discussões em torno deste item.

"São Paulo Inteiro de Pé!"

Foi impressionante o movimento cívico! De uma hora para outra, milhares de pessoas de todas as idades, desde os meninos que se alistaram como escoteiros, os estudantes secundários e universitários, os profissionais liberais, os operários, os esportistas, os comerciantes, os índios, os negros, os mulatos, os estrangeiros aqui residentes, os anciãos, todos, eletrizados, se alistaram. A mulher paulista e muitas de outros Estados, aqui residentes, também se alistaram e participaram, desde os primeiros dias, prestando valiosos serviços à causa, que não era só paulista, mas, sobretudo, nacional. Setenta e duas mil mulheres trabalharam nas oficinas de costuras, fazendo uniformes para os soldados. Nos dias 10 e 11 de julho apresentaram-se como voluntárias dez mil pessoas! No fim dessa primeira semana da Revolução, já eram 25 mil. Foram para as frentes de batalha de 30 a 35 mil combatentes. Nunca se viu no mundo um movimento patriótico idêntico ao de São Paulo, tanto na capital como no interior do Estado e em tão pouco tempo! Mas, além do fardamento, da alimentação para toda essa gente e que quase só o movimento feminino providenciou, eram também indispensáveis as armas e munições, transportes e comunicações, médicos e hospitais e muitos outros serviços. Tudo isso foi feito em relâmpagos, com muito trabalho, muita dedicação e acentuado patriotismo.

Ainda Hernâni Donato, no capítulo 7 — *ad perpetuum* — ressaltava e homenageava a Escola Politécnica, a Federação das Indústrias, a Associação Comercial e outras instituições; os professores da Poli, os 740 engenheiros, os 340 auxiliares técnicos que se apresentaram como voluntários, atendendo aos convites das citadas instituições, para trabalharem na fabricação de armas e munições, elementos vitais para as doze frentes trincheiras, graças aos esforços de um grupo de combatentes.

O Engenheiro Gaspar Ricardo Júnior foi o aglutinador das indústrias bélicas e similares, capazes de abastecer os soldados nas trincheiras, graças aos esforços de um grupo selecionado de técnicos e dos professores Roberto Mange, Luis Cintra do Prado — nosso prezado companheiro neste Conselho Técnico, a quem homenageamos neste momento — Ribeiro Costa, Vicente Larocca, Mariano Wendel, Felinto Guerra, Mario Whately, Francisco Sales Vicente de Azevedo, Carlos Gavião Monteiro, Adriano Marchini, este do IPT, e outros, que idearam e deram efetividade, em diferentes campos de estudos e especialidades, a surpreendentes engenhos guerreiros, como as minas terrestres, máscaras contra gases, as bombardas, os lança-chamas, as blindagens, algumas destas aplicadas a veículos, inclusive o famoso trem blindado, que deu muito trabalho e apavorou as tropas getulistas, descrito por Paulo Duarte, em livro que se tornou famoso (4). Os obuses, aperfeiçoados, com um alcance de até três mil metros, causavam pânico entre os ditatoriais, que fugiam amedrontados, nas frentes de combates.

Entre as referidas armas e munições sofisticadas, não podemos também omitir uma improvisação paulista, a celebre "matraca", inventada pelo professor engenheiro Otávio Teixeira Mendes, do operoso Batalhão Piracicabano, para suprir a falta de metralhadoras e munições, ajudando a sustentar posi-

ções de vanguarda, por horas e dias seguidos, principalmente à noite, dando impressão de um maior montante de fogo, com seu barulho aterrador de uma autêntica e possante metralhadora. Nada mais era do que um aparelho que consistia numa roda dentada, que, em contato com uma lâmina de aço, girava em alta velocidade, provocando, assim, um ruído apavorador e mais impressionante que o foguear das potentes metralhadoras de verdade...

Passemos agora a um outro ponto que precisamos desmistificar.

Teria sido a Revolução Paulista "Separatista, Revanchista e Reacionária?"

Entre os principais argumentos dos tenentes de Getúlio Vargas e dos inimigos de São Paulo — muitos deles enganados — estava a controversa questão do separatismo.

De fato, havia no Clube Piratininga, em nossa Capital, algumas dezenas de utopistas românticos que pregavam o separatismo, alimentados mais pela indevida ocupação da terra bandeirante pelos tenentes, do que por qualquer outro motivo. Por outro lado, os demais tenentes interventores de outros Estados espalhavam — especialmente no Nordeste — que o acúmulo de riquezas em São Paulo é que determinava o atraso de outras regiões brasileiras. O jurista Dalmo de Abreu Dallari, enfatizando esse argumento, ressaltou: "Passou-se a apresentar como separatista o movimento dos paulistas, dizendo-se que São Paulo queria separar-se do Brasil, abandonando à própria sorte os demais Estados". Além do separatismo, diziam ainda que os imigrantes italianos fixados em São Paulo "pretendiam fundar ali uma colônia fascista às ordens de Mussolini". As mais absurdas afirmações eram trombeteadas — principalmente no Nordeste — pelos áulicos de Vargas, segundo o depoimento de um sargento, Manuel Ananias dos Santos, da Força Pública de Sergipe, que "integrou um dos batalhões dessa milícia, que foi enviada para combater os paulistas". Dizia ainda o Sargento Ananias que "a tropa nortista tinha absoluta convicção de que iria enfrentar estrangeiros que haviam assumido o controle de São Paulo, querendo desligá-lo da Federação, sendo a luta de Getúlio um esforço pela integração do poderoso Estado ao Brasil"...

Muitos pelotões, principalmente de voluntários, sertanejos, recrutados, desceram do Norte e do Nordeste animados por verdadeiro espírito de cruzada cívico-religiosa: libertar São Paulo dos terríveis comunistas, inimigos da religião, da pátria, que se haviam apoderado daquele Estado e desejavam mantê-lo separado do restante do Brasil brasileiro e cristão" (Donato, *obr. cit.*, pp. 198-199). Por outro lado, as palavras "reacionário", "revanchista", "conservador" e outras eram usadas, aleivosamente, contra os paulistas e a nossa Revolução. A palavra "reacionário" tem vários significados, inclusive aquele empregado pelo ditador Vargas para designar os que estavam contra ele ou os que haviam sido depostos pela revolução de 1930, que também seriam os "revanchistas". Não procede, por outro lado, a nosso ver, a expressão "movimento conservador", como se a Revolução de 32 tivesse sido feita por elementos de uma só classe social ou da classe dominante, totalmente soberana, que estaria reprimindo tudo e todos, como diziam a maioria dos tenentes e principalmente o ditador Getúlio Vargas. Hoje, a esquerda festiva rotula como "conservadores", os que não estão com eles...

Todas essas versões — casuísticas e semânticas — e outras ficaram enraizadas na mentalidade e na cultura nordestina, por muito tempo, como veremos a seguir.

Quinze anos depois

Quinze anos depois da Revolução de 1932, o poeta Guilherme de Almeida, no dia 9 de julho de 1947, por ocasião da promulgação da Constituição do Estado de São Paulo, proferiu uma "Oração aos Mortos de 32", transcrita em todos os jornais da Capital, como um documento patriótico que ficaria na História.

A 26 de julho de 1947, na América do Norte, na Louisiana State University — onde fazíamos o curso de pós-graduação — recebemos uma carta da família, cheia de saudade e rica de patriotismo, contendo o referido poema de Guilherme de Almeida, o consagrado poeta paulista, e que pedimos vê-



nia para transcrever, em parte, para que os os moços de hoje possam também conhecer essa obra-prima da poesia paulista.

*Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que deu à terra o seu suor,
a que deu à terra a sua lágrima,
a que deu à terra o seu sangue!*

*Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que é a nossa bandeira gravada na terra
pelo branco do vosso ideal,
pelo negro do nosso luto,
pelo vermelho do vosso coração!*

*Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que, alerta, nos vigia,
a que, invicta, nos defende,
a que, eterna, nos glorifica!*

*Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que não transigiu,
a que não esqueceu,
a que não perdoou!*

*Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que está de pé sob nossos joelhos!
E, pois que estão de pé os mortos de
[joelhos os vivos!
E, ajoelhados, a vós rogamos:*

*— Soldados Paulistas tombados em 32,
sem armas nos vossos ombros, velai por nós!
sem balas na cartucheira, velai por nós!
sem pão em vosso bernal, velai por nós!
sem água em vosso cantil, velai por nós!
sem divisas militares, velai por nós!
sem mãos rezando na igreja, velai por nós!
sem lar feliz esperando, velai por nós!
sem filhos para a vingança, velai por nós!
sem mancha no pensamento, velai por nós!
sem medo no coração, velai por nós!
sem nada mais que uma vida, velai por nós!
sem nada, senão São Paulo, velai por nós!...*

Sendo o único paulista, num grupo de 25 moços brasileiros que lá estudavam, não nos contivemos e resolvemos — de parceria com José Arthur Rios, que conhecemos nessa Universidade — organizar uma sessão cívica, à noite, na "Pan-American House", onde residiam quase todos os estudantes latino-americanos, e convidar, um a um, todos os brasileiros para ouvirem um poema patriótico, que acabávamos de receber do Brasil.

A sala grande de reuniões da Casa Pan-americana, situada bem no centro do campus

da LSU, ficou lotada, inclusive com a presença de muitos dos 350 estudantes latino-americanos e alguns norte-americanos que também compareceram.

Tomando a palavra, tentamos explicar a razão dessa sessão cívica, discorrendo ligeiramente sobre a Revolução Paulista de 32, da qual havíamos participado, e lendo, ao final, o referido poema de Guilherme de Almeida.

Enquanto falávamos da Revolução e líamos o poema, notamos que os brasileiros estavam inquietos... Qual não foi a nossa surpresa, quando vários patriotas de diferentes Estados do Brasil, principalmente do Nordeste, protestaram, insistindo em que a Revolução Paulista era um movimento separatista contra o resto do Brasil. O ambiente ficou tenso, com grande sobressalto dos latinos e americanos lá presentes.

Como ex-combatente, procuramos ficar calmos mas, ao mesmo tempo, sentíamos que o sangue fervia em nossas veias, na réplica aos apertes. Felizmente, tivemos ao nosso lado o colega Rios que subscreveu, entusiasticamente, os nossos argumentos, colocando-se favoravelmente à Revolução. Procuramos frisar que todos os aparteados estavam rezando pela cartilha de Getúlio que, para poder obter o valioso apoio dos brasileiros do Norte e do Nordeste, mandara trombetear incessantemente por todos os meios de comunicações da época, aos quatro ventos, que a Revolução de São Paulo era separatista, revanchista e reacionária, além de outras distorções mentirosas. Os debates duraram cerca de duas horas e, ao final, para desmistificar a maneira de pensar do grupo, propusemos escrever uma carta ao poeta Guilherme de Almeida, solidarizando-nos com os dizeres do seu poema. Por outro lado, ressaltamos que a Revolução de 32 contava com o apoio de muitos brasileiros ilustres de vários Estados, tornando-se, dessarte, uma Revolução Nacional, que exigia patrioticamente a constitucionalização do país. Esses e outros sinceros e prontos argumentos contribuíram para a adesão da maioria daqueles moços inteligentes, que horas antes ainda acreditavam que a Revolução de São Paulo, em 32, havia sido separatista.

Serenados os ânimos, redigimos rapidamente uma carta ao poeta Guilherme de Almeida, assinada por treze brasileiros, cada um indicando o seu Estado natal, contendo os seguintes dizeres:

MEU ENCONTRO COM JESUS

Arruda Dantas

Eu voltava de Porto Velho para São Paulo, com baldeação em Cuiabá. Na noite da viagem de Cuiabá, numa parada do ônibus, defrontei-me com aquele passageiro, — um homem baixo e regular de corpo, imundo da viagem, de cabelos claros e olhos azuis, sem barba, sem qualquer destaque entre os passageiros.

Ele olhou para mim e me sorriu. E quando o ônibus se preparou para prosseguir viagem, veio sentar-se ao meu lado.

Perguntei-lhe donde vinha e donde era. Contou-me que era do sertão do Icó, no Ceará; tinha trinta e três anos de idade e era solteiro; há cerca de dois meses, resolveu deixar o seu sertão e vir tentar o garimpo, em Rondônia; nada conseguiu; e como o dinheiro estava acabando e não havia perspectivas animadoras no garimpo, resolveu assegurar a passagem de volta, e estava regressando a seu sertão.

Mas eu já me irritara com sua presença; havia lugares sobrando no ônibus; o nome cativava, naquele mau cheiro de gente viajando há dias, sem banho e sem trocar de roupa; sua conversa não me interessava; e, sobretudo, percebi nele uma pureza essencial, o que não o tornava companhia alegre para noites de viagem.

Fechei-me; e não lhe dei mais atenção. Então, discretamente, o homem se levantou e foi sentar-se num lugar dos fundos.

Abri a janela e respirei aliviado; estava livre de sua companhia.

Mais tarde, porém, a outra parada do ônibus, o homem voltou para meu lado.

Com verdadeiro rancor eu o vi aproximar-se; e foi com asperza que lhe ordenei que não fechasse a janela.

Mas ele sorria; não me incomodasse, deixava a janela aberta; se eu quisesse mais ar, dava-me mais ar.

Eu queria era enxotá-lo, mandá-lo embora do meu lado.

Depois, no frio da madrugada, ele foi disfarçando, olhando-me de lado, e fechou a janela.

Estava consumado o sacrifício: — eu teria de suportar o calor e a catinça do companheiro.

Foi, então, que tive uma inspiração: — tratava-se, talvez, de um dos pobres de Deus,

um dos simples do Senhor, que viera para provar-me a paciência e a caridade; e eu tinha de suportá-lo, para servir a Deus.

Aceitei o sacrifício, mas não quis comunicação com o homem. Ele, aliás, dormiu todo o tempo.

Pela manhã, paramos para o café numa fazenda, onde se estendia um balcão com quanta iguaria se pudesse imaginar, os passageiros numa voracidade animal, se empurrando com os cotovelos, pareciam cães rosando diante do osso. Não vi, porém, o homem aproximar-se.

Tomel conta dos dois lugares do ônibus, para evitar sua presença; e ele sentou-se mais atrás.

O almoço foi logo depois de Campo Grande.

Nova mesa de fazenda matogrossense, com pessoas esganadas, no apetite despertado pela viagem e a delícia e variedade das iguarias.

Não vi o homem.

Depois do almoço, avistei-o sozinho, sentado num canto do alpendre, mastigando biscoitos.

Destacava-se na sua humildade: — a cada parada do ônibus, lavávamo-nos; os passageiros trocavam de roupa, vinham frescos e saudáveis; e comiamos à saciedade e gulosamente. Só ele permanecia sujo, quieto e isolado. Eu evitava seu olhar, mas numa distração, recebia seu sorriso calado.

Agora, avistei-o naquele canto. Deu-me a impressão exata de Jesus Cristo, como é comumente representado em estampas: — folto, de olhos profundamente azuis, suave e quieto, as mãos abandonadas no regaço. Parecia o "Ecce — Homo". Não sei; acreditei realmente que estava diante de Jesus; e como a Jesus, teria de tratar aquele homem.

Cheguei-me a ele, perguntando, por perguntar, se tinha almoçado. Respondeu-me que lhe bastava a merenda, que comeu.

Mas não voltou a sentar-se a meu lado.

A noite, porém, quando paramos para jantar, chamei-o para comer comigo. A sua ausência às refeições fez-me suspeitar de que estava sem recursos de dinheiro.

Pedi bife com pão, para mim e o companheiro. Ele sentiu-se satisfeito com a razão, não quis mais nada; era sóbrio e discreto

para comer. A minha instância, tomou leite. Por fim, tomamos um suco de laranja; então, declarei-me que assim, sim, estava confortado, podia viajar até o seu sertão.

Ao pagar a conta, no Caixa, perguntei onde estávamos, que cidade ficava além da estrada; e, por coincidência, soube que estávamos na cidade onde nasci, Assis.

Quando deixamos o restaurante, o homem perguntou-me em quanto ficaria a despesa. Respondi-lhe que em nada, eu é que o chamara para comer comigo; ele nada devia.

Aí, comoveu-se: — abraçou-me, dizendo: "— Ora, então Nossa Senhora é que lhe vai agradecer!"

Depois, prosseguiu: frisava: — o único homem — que se chegou

"— Desde que eu saí para esta volta ao mundo, o senhor foi o único homem — e a mim e me ajudou, foi o único. O único. Mas esteja tranqüilo: — assim que eu chegar no meu sertão, eu lhe vou alumiá-lo. Eu vou alumiá-lo o senhor, esteja certo e sossegado. Minha luz vai alumiá-lo seu nome, sua pessoa e as estradas que o senhor percorrer. Não se preocupe com nada e nada tema. O senhor vai ter a minha luz lhe alumiando".

Então, voltou as palmas das mãos para cima e m'as mostrou:

"— Olhe as minhas mãos: — agora, elas só trazem calos do garimpo".

Confesso que escrevo isto arrepiado de emoção e com os olhos cheios de lágrimas. E isto é tão grandioso e estranho, que quero fixar a data em que se passou: — noite de sábado, 17 de outubro de 1970.

Outro passageiro ocupou o lugar a meu lado. Ele quis sentar-se comigo; porém, agora com pena, disse-lhe que o lugar estava ocupado. Eu o quisera agora, a meu lado.

Chegamos a São Paulo pela madrugada. Desci e aguardei a retirada da mala. Depois, procurei o homem para despedir-me, mas não o vi mais; ele desapareceu na chegada do ônibus.

24 de outubro de 1970.

O saudoso Arruda Dantas foi jornalista, escritor, professor, beletrista e autor de crônicas históricas. O presente trabalho mereceu a publicação pela sugestão do I.A. acadêmico Pedro Ferraz do Amaral.

A REVOLUÇÃO...

Continuação da página 5

"Louisiana State University
LSU, 26 de julho de 1947.

Sr. Guilherme de Almeida
Academia Paulista de Letras
São Paulo — Brasil

Os brasileiros que assinam abaixo — estudantes na Louisiana State University — tomaram conhecimento do seu patritico discurso-poema de 9 de julho, e vibraram de entusiasmo numa improvisada sessão cívica.

Queira, sr. Guilherme de Almeida, aceitar a solidariedade e os cumprimentos daqueles que, mesmo longe da Pátria, têm o coração e os olhos voltados para Ela.

Atenciosamente...

(aa) José Artur Rios, Rio de Janeiro; Mauro Pena, Rio de Janeiro; Olíndina de Castro, Ceará; Nelson Pimentel, Pernambuco; Carlos Rochá Cavalcanti, Alagoas; Humberto Omena, Alagoas; Godofredo de A. P. Leal, Piauí; Frank Sampaio, Rio de Janeiro; Gilberto Vilas Boas, Bahia; Jesuino Lopes, Ceará; Arlindo Dubeux Júnior, Pernambuco; Humberto Rubens Cansação, Alagoas; J. V. Freitas Marcondes, São Paulo."

Pouco tempo depois, recebemos — com grande satisfação — a resposta do poeta paulista, nos seguintes termos:

"São Paulo, agosto 20, 1947.

Meus patriticos queridos, José Artur Rios, Mauro Pena, Olíndina de Castro, Nelson Pimentel, Carlos Rocha Cavalcanti, Humberto Omena, Godofredo de A. P. Leal, Frank Sampaio, Gilberto Vilas Boas, Jesuino Lopes, Arlindo Dubeux Júnior, Humberto Rubens Cansação e J. V. Freitas Marcondes:

— Dentre as tão raras compensações que a vida cívica, social e intelectual me tem proporcionado, a emotiva mensagem que vocês me mandam, 'longe da Pátria, mas de coração e olhos voltados para Ela', é a que mais fundo em mim sempre e sempre há de ficar.

Dando às minhas palavras de 9 de Julho o verdadeiro sentido humano e universal que eu não lhes soube dar, vocês tornaram presente na ausência e próxima na distância a nossa Pátria. É milagre — milagre só de vocês — que me orgulha de ser da nossa terra e da nossa gente.

A vocês, todo o coração de

(a) Guilherme de Almeida."

As duas referidas cartas estão publicadas na Revista da Academia Paulista de Letras, bem como a "Oração aos Mortos de 32" (5).

Infelizmente, o poeta paulista faleceu sem ter sabido que o seu poema provocou um debate a milhares de quilômetros da terra bandeirante, terminando com a vitória da tese: a Revolução Paulista de 32 não foi separatista, nem revanchista, nem reacionária, como dizem hoje alguns ideólogos políticos. Todos nós que participamos daquela Guerra Sagrada somos testemunhas sinceras dos fatos que provam exuberantemente os objetivos patriticos, nacionalistas e puros da Revolução de 1932.

Palestra realizada em
reunião do Conselho Técnico
de Economia,
Sociologia e Política,
em 12/8/82, e
publicada em
"Problemas Brasileiros".

Notas

(1) Euclides de Figueiredo, "Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932", S. Paulo Livraria Martins Editora S.A., 1954, pág. 15.

(2) Raymundo Faoro, "50 Anos de uma Polêmica Inconclusa", *Folhetim, da Folha de São Paulo*, de 23-5-1982, pág. 3.

(3) Hernâni Donato, "A Revolução de 32", S. Paulo Editora: Editora Abril-Círculo do Livro, 1982, págs. 36 e seguintes.

(4) Paulo Duarte, "Palmares pelo Avesso", S. Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A., 422 páginas.

(5) Guilherme de Almeida, "Oração aos Mortos de 32", *Revista da Academia Paulista de Letras*, (Ano X, 12 de setembro de 1947, N.º 39, pág. 4: as duas cartas estão à pág. 146).

Nota do Autor

Quanto ao esclarecimento sobre onde e como participamos da Revolução Paulista, devemos esclarecer que, como estudante, nos alistamos, a 12 de julho, no 5.º R.I. de Lorena, sendo destacado para integrar o Serviço Intendência (S.I.), sob a direção do capitão João Joaquim dos Santos, unidade do Estado Maior do cel. Euclides de Figueiredo, no Vale do Paraíba. Logo de início, fomos encarregados das comunicações entre o S.I. e alguns acantonamentos e frentes de combate, na região valeparaibana. O Estado Maior estava sediado na cidade de Cachoeira. Nesse Serviço de Comunicações, tivemos a satisfação de conhecer o estudante de direito Guilherme de Figueiredo — hoje conhecido dramaturgo e homem de letras — com quem realizamos várias e difíceis missões, a princípio durante todo o dia, sofrendo, inclusive, ataques dos aviões "vermelhinhos" da Ditadura. Para despistar os ataques dos aviões, muitos dos nossos serviços passaram a ser feitos à noite. Numa das viagens noturnas, fomos designados, sozinhos, para levar numerário ao destacamento de Cunha, à qual chegamos durante um dos maiores combates travados nos arredores daquela cidade serrana, onde fomos obrigados a pernoitar, para só no dia seguinte dar cumprimento à nossa tarefa. Logo depois também, um outro acadêmico de direito, Hamilton Dragomiroff Franco, hoje destacado elemento do Ministério Público Paulista, passou a integrar o nosso grupo, mesmo depois da retirada de Cachoeira para Guaratinguetá e Aparecida. Nesta última cidade, o grupo se dissolveu com o triste desenlace da Revolução.

José Vicente de Freitas Marcondes é Procurador do Estado, sociólogo, Mestre em Sociologia e Direito do Trabalho.